



A IMPORTÂNCIA DA GRUPOTERAPIA NO PROCESSO DA PROMOÇÃO A SAÚDE MENTAL

Acadêmica: Leticia Proença de Oliveira
Curso de Psicologia - 9º semestre -
Email: leticiaoliveira8524@gmail.com

Acadêmica: Mariana Cristina Ferraretto de Freitas
Curso de Psicologia - 9º semestre -
Email: marycristinaff@gmail.com

Professor: Thomaz Ademar Nascimento Ribeiro
Supervisor do Estágio Específico I e II: Políticas de Saúde- Saúde Mental-
Email: Thomaz@univag.edu.br

Supervisor De Campo Estágio: Eliene Maria Libdy Mansour do Prado
Psicóloga – CAPS III (Centro de Atenção Psicossocial) e Bruna Rosa de Almeida
Psicóloga- CAPSi (Centro de Atenção Psicossocial infantojuvenil)-

RESUMO

O presente trabalho apresenta as experiências vivenciadas nas atividades desenvolvidas no Estágio Curricular Obrigatório Específico I e II do curso de Psicologia do Centro Universitário de Várzea Grande-UNIVAG, cuja abordagem se concentra na área de Políticas de Saúde - Saúde Mental. A prática foi realizada no Centro de Atenção Psicossocial (CAPSi e CAPS III), do município de Várzea Grande, Mato Grosso. A partir do experienciado na prática de atendimento no campo da saúde mental, surgiu a temática proposta: 'A Importância da Grupoterapia no Processo da Promoção a Saúde Mental'. Nesse sentido, o conhecimento teórico serviu de suporte para uma melhor absorção das informações sobre como são proporcionados os atendimentos dessa natureza, especificamente no município de Várzea Grande/MT. As situações vividas durante a realização do estágio propiciaram o contato direto com aqueles que buscam atendimento no Centro. Com isso, ficou evidente a importância desse serviço para a população, proporcionando, assim, suporte para o crescimento do aprendizado profissional sobre a realidade dos serviços substitutivos da reforma psiquiátrica. Os serviços de saúde no âmbito da psicologia, destinados ao tratamento de pessoas com transtornos mentais, nem sempre foram compreendidos como uma necessidade ou um bem social. Nesse sentido, Amarante (2007) ressalta que “o modelo psiquiátrico e asilar que as oprimiu reduziu-lhes as expectativas, obstruiu-lhes os projetos de vida, achatou-lhes as expressões e sentimentos.” Esse trecho evidencia que as pessoas em sofrimento psíquico tiveram sua subjetividade comprometida em razão da exclusão a que foram submetidas. De acordo com Foucault (1978), durante a Renascença, a loucura ainda ocupava um lugar ambíguo na cultura, participando de experiências sociais e espirituais. No entanto, no século XVII, com o processo conhecido como “Grande Internação”, a loucura passou a ser tratada como um desvio moral. Assim, os pacientes foram historicamente marginalizados pelo modelo asilar, sendo isolados juntamente com outros indivíduos considerados indesejáveis, como pobres e vagabundos. No Brasil, na década de 70, criou-se o Movimento dos Trabalhadores em Saúde Mental (MTSM), que realizou iniciativas para a reforma psiquiátrica no país. O movimento foi inspirado nas ideias do psiquiatra italiano Franco Basaglia. Durante esse período, conforme discutido por Amarante (1996), o MTSM buscava mudanças estruturais na assistência psiquiátrica, que podiam ser percebidas tanto nas críticas ao modelo vigente

quanto na privatização e hospitalização prolongada, buscando alternativas voltadas à reestruturação do cuidado em saúde mental. A partir do movimento da Reforma Psiquiátrica, o objetivo principal passou a ser a desinstitucionalização e a ruptura com o paradigma manicomial, que busca substituir o modelo tradicional de internação em hospitais psiquiátricos, propondo um atendimento humanizado na atenção psicossocial e a inclusão social de pessoas com transtornos mentais. Além disso, em 1989 foi criado no Brasil a lei da Reforma Psiquiátrica, que, após 12 anos, foi aprovada e sancionada como a Lei nº 10.216/2001, conhecida como Lei Antimanicomial ou Lei Paulo Delgado. No contexto da década de 1980, no âmbito do movimento social e sanitário, o primeiro Centro de Atenção Psicossocial (CAPS) foi inaugurado em 1987, na cidade de São Paulo. Com o passar do tempo, esse espaço tornou-se uma referência no tratamento de pessoas que sofrem com transtornos mentais, incluindo psicoses, neuroses graves e outros quadros que requerem atendimento personalizado. Conseqüentemente, com a substituição dos hospitais psiquiátricos e a criação da Rede de Atenção Psicossocial (RAPS), a reintegração social dos usuários e a acessibilidade passaram a se basear em espaços comunitários e nas extensões territoriais. O estágio contou com a supervisão institucional, e as estagiárias passaram por experiências significativas. Além do contato direto com os usuários, o convívio com a equipe interdisciplinar permitiu o desenvolvimento de uma escuta sensível, o aprimoramento do olhar clínico e o fortalecimento do compromisso ético com a saúde mental coletiva. Entretanto, ao abordamos a temática pautada na importância da grupoterapia no processo da promoção da saúde mental, observamos, em campo, uma demanda recorrente por espaços terapêuticos coletivos que pudessem oferecer aos usuários um suporte no acolhimento e fortalecimento de vínculos, possibilitando assim a ressignificação de suas experiências de sofrimento. Segundo Heberle e Oliveira (2016), a prática grupal é caracterizada como um espaço de escuta, troca de experiências e ressignificação do sofrimento psíquico, promovendo a autonomia, a reinserção social e a responsabilidade dos usuários no processo de tratamento. Desse modo, conforme aponta o Conselho Federal de Psicologia (2022), a atuação do psicólogo nesse cenário desempenha um papel central e multidimensional. Ele atua como facilitador de processos subjetivos, mediador de conflitos, articulador de redes de cuidado e agente ético-político. Ao promover a escuta coletiva, a cooperação e a solidariedade nos grupos, o psicólogo contribui para o fortalecimento da Rede de Atenção Psicossocial (RAPS) e ajuda a romper com paradigmas manicomiais, que historicamente reduziram o sofrimento à doença e o tratamento ao isolamento. Assim, sua presença nos Centros de Atenção Psicossocial (CAPS) é não apenas desejável, mas essencial para garantir um cuidado em liberdade, pautado nos direitos humanos e na dignidade das pessoas. Em conclusão, compreende-se que as vivências proporcionadas pelo estágio possibilitaram uma imersão profunda nas práticas e diretrizes da Reforma Psiquiátrica, permitindo uma reflexão sobre uma compreensão ampliada das práticas voltadas à saúde mental no contexto brasileiro. Destaca-se o papel central dos Centros de Atenção Psicossocial (CAPS), que promovem o cuidado e manejo em liberdade, valorizando a singularidade de cada usuário. Por fim, observamos também que as práticas no processo de grupoterapia é uma ferramenta potente no modelo de escuta ativa, acolhimento e reconstrução da subjetividade. Benevides et al. (2010) citam que os grupos terapêuticos promovem o fortalecimento das relações sociais, ampliam o conhecimento dos participantes sobre as questões discutidas, contribuem para o enfrentamento dos transtornos mentais e proporcionam alívio emocional e maior autoconfiança. O estágio supervisionado contribuiu significativamente para a formação de uma postura ética e crítica diante das práticas de saúde mental.

Palavras-chave: Psicoterapia; Saúde Mental; Centro de Atenção Psicossocial; Grupoterapia; Reforma Psiquiátrica.



REFERÊNCIAS

AMARANTE, Paulo Duarte de Carvalho. *O homem e a serpente: outras histórias para a loucura e a psiquiatria*. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 1996.

FOUCAULT, Michel. *História da loucura na Idade Clássica*. Tradução de José Teixeira Coelho Netto. São Paulo: Perspectiva, 1978.

BRASIL. Ministério da Saúde. *Saúde mental no SUS: os centros de atenção psicossocial*. Brasília: Ministério da Saúde, 2004.

BRASIL. Ministério Público Federal. Procuradoria Federal dos Direitos do Cidadão. *Direito à saúde mental: cartilha*. Brasília: MPF/PFDC, 2012.

CONSELHO FEDERAL DE PSICOLOGIA. *Referências técnicas para atuação de psicólogas(os) no Centro de Atenção Psicossocial (CAPS)*. Brasília: CFP, 2022.

HEBERLE, Andréia Yess; OLIVEIRA, Lisandra Antunes de. Grupos terapêuticos em saúde mental – uma modalidade na prática dos serviços de atenção à saúde mental. *Revista da Universidade do Oeste de Santa Catarina (UNOESC)*, Joaçaba, 2015.

BENEVIDES, Daisyanne Soares et al. Cuidado em saúde mental por meio de grupos terapêuticos de um hospital-dia: perspectivas dos trabalhadores de saúde. *Interface - Comunicação, Saúde, Educação*, Botucatu, v. 14, n. 32, p. 127–138, jan./mar. 2010.